vinetur

Estudo preliminar sugere que o álcool pode reduzir para metade os benefícios da imunoterapia contra o cancro

Experiências em ratinhos revelaram uma redução de cerca de 50% dos benefícios, enquanto dados sobre cancro do pulmão apontam para uma menor sobrevivência entre quem consome álcool

domingo, 22 de novembro de 2026



Uma investigação preliminar sugere que o consumo de álcool pode reduzir a eficácia da imunoterapia contra o cancro, levantando novas questões sobre o consumo de bebidas alcoólicas durante o tratamento e sobre a informação que deve ser dada aos doentes, à medida que a imunoterapia ganha cada vez mais importância nos cuidados oncológicos.

Segundo uma notícia da Medical Xpress sobre o estudo, experiências em ratinhos revelaram que o consumo moderado ou elevado de álcool reduziu em cerca de 50% os benefícios da imunoterapia. Os investigadores analisaram também dados de doentes com cancro do pulmão e encontraram uma associação entre o consumo de álcool e uma menor sobrevivência. Esta parte da investigação não demonstrou que o álcool tenha causado diretamente os piores resultados, mas revelou um padrão que, segundo os investigadores, merece ser estudado mais aprofundadamente.

Os resultados são preliminares e têm limitações importantes. O que se observa em ratinhos nem sempre se confirma em seres humanos. A análise dos doentes foi observacional, o que significa que pode revelar uma associação, mas não provar uma relação de causa e efeito. Muitos outros fatores podem influenciar a sobrevivência no cancro do pulmão, incluindo o estádio da doença, outras patologias, o historial de tabagismo, o estado geral de saúde e as diferenças nos tratamentos. Ainda assim, é provável que a combinação de dados de animais e de doentes atraia atenção, uma vez que aponta para a mesma preocupação a partir de duas perspetivas distintas.

A imunoterapia transformou o tratamento de vários tipos de cancro, ao ajudar o sistema imunitário a reconhecer e atacar as células tumorais. Em alguns doentes, pode prolongar a vida ou manter a doença sob controlo quando outros tratamentos têm benefícios limitados. Por esse motivo, qualquer fator que possa enfraquecer a resposta tem relevância clínica. Se o sinal observado neste estudo preliminar for confirmado, poderá ter implicações nas recomendações habitualmente dadas aos doentes durante o tratamento, sobretudo porque o consumo de álcool é comum e nem sempre é abordado em detalhe nas consultas de oncologia.

Os resultados obtidos em ratinhos destacam-se pela dimensão da redução de benefícios reportada. Uma diminuição de cerca de 50% sugere um efeito mais do que ligeiro no contexto experimental. No entanto, investigadores e médicos vão querer saber muito mais antes de tirarem conclusões firmes para os cuidados prestados a seres humanos. Entre as questões por esclarecer estão saber se o efeito é igual nos diferentes tipos de cancro, se depende da quantidade de álcool consumida, se o consumo ocasional representa o mesmo risco que o consumo regular e se o momento em que o álcool é consumido durante o tratamento altera os resultados.

Os dados sobre o cancro do pulmão acrescentam um sinal observado em seres humanos, mas também sublinham a necessidade de cautela. Uma associação com uma menor sobrevivência não significa que o álcool tenha sido a causa. Os doentes que consomem álcool podem diferir dos que não o fazem de formas difíceis de ter plenamente em conta em análises retrospetivas. Alguns podem ter hábitos alimentares diferentes, outras patologias ou fatores sociais que afetam os resultados do tratamento. Por isso, os investigadores procuram habitualmente estudos de seguimento, incluindo conjuntos de dados de doentes mais alargados e, sempre que possível, investigação prospetiva que permita testar a questão de forma mais direta.

Mesmo nesta fase, o trabalho poderá influenciar as conversas entre médicos e doentes. Os especialistas em oncologia já aconselham os doentes sobre tabagismo, alimentação, perda de peso, risco de infeção e interações entre medicamentos. O álcool poderá passar a ser abordado com maior frequência se estudos posteriores confirmarem estes resultados preliminares. Para os doentes que recebem imunoterapia, em particular os que têm cancro do pulmão, o estudo poderá suscitar questões sobre se devem reduzir ou evitar o consumo de álcool durante o tratamento. As provas disponíveis não são, por si só, suficientemente robustas para estabelecer uma regra universal, mas justificam que a questão seja colocada.

A investigação poderá também ter relevância para além dos hospitais e das clínicas. Para as empresas de cerveja, vinho e bebidas espirituosas, os resultados poderão aumentar a pressão para uma comunicação mais cuidadosa sobre os efeitos do consumo de álcool na saúde, sobretudo no caso de pessoas com doenças graves. As organizações de saúde pública e os prestadores de cuidados médicos poderão analisar

mais atentamente a forma como o álcool é abordado no contexto do tratamento do cancro, e não apenas do risco de desenvolver a doença. Se estudos posteriores confirmarem um efeito significativo na imunoterapia, isso poderá influenciar campanhas de consumo responsável, mensagens de advertência e a comunicação das empresas com consumidores perante decisões importantes sobre a sua saúde.

Por enquanto, a principal conclusão é que o estudo levanta uma preocupação credível, mas não a resolve. Sugere que o álcool poderá afetar mais do que o risco de cancro a longo prazo ou a saúde em geral. Poderá também interferir com um dos tratamentos mais importantes da oncologia moderna. É provável que esta possibilidade impulsione mais investigação, enquanto os médicos procuram perceber se o consumo de álcool deverá passar a ser abordado sistematicamente no aconselhamento a doentes submetidos a imunoterapia.